

MANUTENÇÃO E INTER-RELAÇÃO DE LINGUAGENS: ESCRITA, ORALIDADE E LINGUAGEM NÃO-VERBAL NO CANDOMBLÉ DE CÁCERES - MATO GROSSO

*MAINTENANCE AND (INTER)RELATION OF LANGUAGES: WRITTEN, ORAL, AND NON-VERBAL LANGUAGE IN
CANDOMBLÉ OF CÁCERES - MATO GROSSO*

Luiz Felipe Rodrigues da Silva¹

Jocineide Macedo Karim²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar as formas linguísticas de herança africana nas práticas ritualísticas do candomblé de nação *queto*, considerada uma variedade de *iorubá*, em sua relação com a escrita e linguagem não-verbal. Para tanto, utilizamos como *corpus* de análise as letras das cantigas oriundas do ritual da *Sassain*. Neste estudo, analisamos apenas alguns itens do léxico para apontar os aspectos sociais e culturais dessa produção linguística em seu uso real, que acompanha o uso da escrita e linguagem não-verbal como marcador de identidade africanizada. Com o embasamento teórico da Sociolinguística e coleta de dados pautada na etnografia, explicamos através das relações sociais os fenômenos linguísticos, principalmente os ligados à manutenção e à resistência, nesse espaço religioso, que resiste desde o período colonial no Brasil como herança africana que sofreu todo tipo de supressão cultural e preconceitos, mas ainda busca a criação de uma África simbólica (Evaristo, 2012), adaptando-se para a manutenção de sua cultura e resistindo até hoje, principalmente apoiada nas religiões de matriz africana, que conservam essas práticas ancestrais através da língua, da culinária, das crenças e paramentas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Candomblé. *Sassain*. Religião.

ABSTRACT

Ketu nation, which is considered a variety of *Yoruba*, in its relation to writing and non-verbal language. To this end, we use as the *corpus* of analysis the lyrics of the songs originating from the *Sassain* ritual; however, in this study, we analyze only some lexical items to highlight the social and cultural aspects of this linguistic production in its real use, which accompanies the use of writing and non-verbal language as a marker of Africanized identity. With the theoretical foundation of Sociolinguistics and data collection based on ethnography, we explain the linguistic phenomena through social relations, mainly those related to maintenance and resistance, in this religious space that has endured since the colonial period in Brazil as an African heritage that suffered all kinds of cultural suppression and prejudices but still seeks the creation of a symbolic Africa (Evaristo, 2012), adapting to maintain its culture and resisting until today, mainly supported by African-based religions, which preserve these ancestral practices through language, cuisine, beliefs, and attire.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Candomblé. *Sassain*. Religion.

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), luiz.felipe3@unemat.br. <https://orcid.org/0009-0009-0614-4025>.

² Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), jocineide.karim1@unemat.br. <https://orcid.org/0000-0003-3373-4476>.

1. Introdução

O candomblé é uma religião que valoriza o conhecimento adquirido através da oralidade e o aprendizado através de uma hierarquia que é estabelecida do membro mais velho ao mais novo, criando uma rede de transmissão de conhecimento que parte, inicialmente, da linguagem oral e depois da prática, porém, atualmente contam com materiais escritos, como apostilas que servem para facilitar o aprendizado dos novos integrantes da comunidade.

Sobre esse aspecto, trazemos as seguintes considerações:

É importante ressaltar que o fato de uma religião ser tradicionalmente oral, não quer dizer que não haja livros e escritos, e sim, que não existe a obrigatoriedade de seguir/consultar um livro sagrado, uma vez que a tradição é transmitida de indivíduo para indivíduo. O fiel é o principal responsável por conhecer e manter as tradições, através dos mitos que são contados, da prática de rituais e a todo o tempo, a transmissão do saber oral (Silva, 2017. p. 7).

Com base nessa ressalva, pretende-se explicitar a relação da escrita e a oralidade no candomblé, levando em conta também as condições não verbais que abarcam a ritualística do terreiro em análise. Tendemos a observar e descrever a manutenção das línguas que, no espaço específico, tornam-se indispensáveis para a execução dos rituais que caracterizam a religião, mantendo-a viva através de rezas e cânticos repassados, inicialmente, através da oralidade, desde o início da diáspora africana no Brasil.

Pautando-se no espaço que se faz objeto dessa pesquisa, os *ilês*³ possuem grande responsabilidade para a conservação de registros de diferentes línguas africanas de tronco *iorubá*, *banto* e *fon* no Brasil, que apesar de já modificadas, devido ao contato com a língua portuguesa, ganha caráter de língua ritual através de ritos e cerimônias, que perpetuam a identidade africanizada dos praticantes. Esse espaço pulsa ancestralidade, a qual mantêm viva uma identidade linguística de resistência, a valorizar a africanidade e sua cultura, acreditando que por meio das cantigas do ritual *Sassain* é possível se aproximar de seus *Orixás*, e assim consagrar as folhas em uma bacia de água a produzir um banho capaz de trazer limpeza espiritual, prosperidade e/ou saúde.

Sob a luz teórica da Sociolinguística, tomamos, neste contexto, a casa de candomblé como um espaço social onde se apresentam particularidades linguísticas afrodescendentes intermediadas pelas danças, ritmos, instrumentos, vestes, fatores que, em conjunto, formam um complexo de atitudes de identidade linguística e extralinguística. A coleta de dados deu-se pelos princípios da Etnografia na perspectiva do Observador Participante das práticas ritualísticas e pela seleção dos cânticos presentes em material escrito elaborado pelo dirigente do *Ilê Axé Oxum Ayo Mimo, Babalorixá Cleiber ty Oxum*⁴, para a cerimônia de reza as folhas (*Sassain*) nas quais selecionamos léxicos que os adeptos julgam ser do tronco linguístico *Iorubá* para analisar os significados e usos nos *ilês*.

³ *Ilê* ou *Ilê axé*: palavra que significa “casa” ou “terreiro de candomblé”

⁴ Baba Cleiber ty Oxum - Babalorixá do Ilê Axé Oxum Ayo Mimo, foi importante personalidade na cidade de Cáceres-MT, na luta contra a intolerância religiosa e demais pautas relacionadas às questões étnico-raciais.

2. A língua ritual no candomblé de nação Queto

O candomblé é uma religião que se originou no Brasil por meio do contato massivo de povos de diferentes regiões da África que possuíam culturas e línguas diferentes. Uma religião que se construiu no Brasil e, portanto, é afro-brasileira. Não há, na África, uma religião com tal nome, mas, possivelmente, exista uma diversidade das crenças que a compõe. Deste modo, direcionando o olhar para o candomblé como religião que se constituiu de múltiplas culturalidades, principalmente africanas, é possível afirmar que nos candomblés se fala somente uma língua de origem africana? De acordo com estudos apresentados por Castro (1981, p. 57), não, uma vez que, desde o início dos estudos sobre os candomblés da Bahia era possível identificar fatores que os distinguem, daí o conceito de “Nações de candomblé”. Além de diferenças ritualísticas, as línguas utilizadas nesses espaços é que diferenciam uma nação da outra, correspondendo cada uma a uma identidade étnica africana.

Castro evidencia as particularidades linguísticas de cada nação de candomblé, demonstrando diferenças marcantes inclusive na forma de designar as divindades africanas entre as diferentes nações Jeje, Nagô, Queto, Ijexá, Congo e Angola.

Esses grupos se caracterizam por um sistema de crenças associadas a fenômenos de possessão ou de transe místico provocado por divindades popularmente chamadas de *santos*, mas que recebem o nome genérico de VODUM (éptimo fon) entre as “nações” JEJE; de ORIXÁ (étimo yorubá) entre as “nações” NAGÔ, QUETO, IJEXÁ, de INQUICE (étimo banto) entre as “nações” CONGO, ANGOLA (Castro, 1981. p. 61).

O presente artigo trata sobre um terreiro de candomblé de nação Queto, situado na cidade de Cáceres, no estado de Mato Grosso, que apresenta identidade ritualística e linguística de influência das línguas do tronco *iorubá*.

Sob a perspectiva linguística, o candomblé tem um papel de destaque sobre as demais religiões afro-brasileiras, pois, em suas práticas religiosas, a língua ainda possui um papel fundamental para o culto. Acredita-se, nos *Ilês*, que as línguas de origem africana são capazes de aproximar os adeptos de seus *orixás*, *voduns* ou *inquices*, a depender da nação, possuindo cada divindade do panteão africano sua própria reza/cantiga, que, nesse caso, acredita-se ser em uma variedade do *iorubá*.

O uso das línguas africanas no Brasil pelas religiões afro-brasileiras não se dá apenas em suas rezas e cantigas, mas também na fala cotidiana dos candomblecistas, que apresentam um vocabulário específico que agrega registros das línguas negro-africanas transplantadas para o Brasil que funcionam por intermédio do português. De acordo com Neto:

A língua-de-santo por ser o meio de comunicação e integração dos membros das comunidades religiosas afro-brasileiras constitui-se de um vocabulário específico a cada nação, todavia, sem abandonar o Português falado no Brasil. Sua distinção do falar entre os adeptos pesquisados dar-se-á da seguinte forma: não iniciados, àqueles que não dominam a linguagem dos terreiros ou as palavras de origem africana; iniciados, com pouco domínio da linguagem do terreiro e da de origem africana; iniciados, com conhecimento da linguagem exclusiva de sua nação, sem conhecerem a origem das línguas africanas [...] (Neto, 2010, p. 15).

Desse modo, pode-se afirmar que não há, no Brasil, terreiros que usem línguas de origem africanas de maneira veicular ou que essas línguas se apresentam de forma plena (Castro, 2009) mas sim, vestígios das línguas africanas, intermediadas pelo português, tanto para execução de rituais, por meio de rezas e cantigas, como da comunicação cotidiana e de integração dos membros que apresenta léxicos utilizadas para designar lugares, cargos e atitudes do povo de santo. Por exemplo: a palavra *êque*, utilizada para referir-se a uma pessoa, que finge o estado de transe/incorporação durante algum ato ritualístico, ou *bajé*, que se refere as mulheres quando estão no período menstrual, e por este motivo não podem participar de determinadas práticas na casa de candomblé.

Em um estudo histórico sobre as línguas transplantadas da África para o Brasil, durante os séculos XVI e XVII, Megenney afirma que as línguas utilizadas no âmbito religioso que chegaram ao país são herança de línguas arcaicas, pois mesmo naquela época tratava-se de línguas específicas para práticas religiosas:

Estas linguagens arcaicas, segundo as tradições Africanas, se fundamentam na crença que os espíritos dos ancestrais falecidos falam uma língua antiga e diferente, e que a comunicação realizada com esses espíritos é alcançada através de um código especial, isto é, antigo e só os chefes espirituais podem usar. (Meggenney, 1998. p. 80).

Conseqüentemente, as línguas utilizadas nos terreiros se caracterizam como “línguas rituais” que passaram por um processo de transformação, desde a África, para uma língua duplamente arcaica, primeiramente, naquele continente, por pertencer a usos restritos a religiosidade, com usos específicos para a realização de rituais, e, posteriormente, no Brasil, seguindo em domínio tradicionalmente religioso, mas recebendo novas influências pelo contato com o português.

3. A relação entre a escrita e a oralidade

Com base na etnografia na perspectiva do Observador Participante, analisaremos ao longo desta seção e da seguinte, as práticas que relacionam oralidade, escrita e linguagem não verbal no terreiro de candomblé *Ilê Axé Oxum Ayo Mimo*. A etnografia nos auxilia a atribuir significados aos objetos, pessoas e eventos, para descrever o comportamento humano e, dessa forma, possibilita analisar o comportamento enquanto ação significativa (Ladeira, 2007. p. 45). Esses comportamentos serão analisados, tendo em vista o complexo linguístico presente no terreiro que se faz campo dessa pesquisa, com subsídio teórico da Sociolinguística, entendendo os fenômenos linguísticos na concretude dos fenômenos sociais (Lucchesi; Savedra, 2023).

A escrita ocorre no candomblé, principalmente, para facilitar o aprendizado dos novos adeptos às rezas e às cantigas, as quais não são realizadas em língua portuguesa. Por exemplo, o material escrito por *Baba Cleiber ty Oxum* teve por finalidade facilitar para os seus filhos de santo a aprendizagem das cantigas do ritual de reza as folhas, o que acaba por documentar e perpetuar esse conhecimento sobre os fundamentos da religião. Basta lembrar que:

[...] a escrita é usada como um recurso para perpetuar tradições, consideradas até então pelos adeptos como oriundas da África. A escrita, principalmente na contemporaneidade – onde terreiros de candomblé assimilam, como qualquer outro ambiente cultural, características da modernidade – anda lado a lado com a oralidade, promovendo o resguardo dos fundamentos de uma comunidade de terreiro. Assim, a escrita participa das relações de poder que se constroem em torno do terreiro, sobretudo na promoção, em torno de um pequeno grupo, do que se deve ou não saber sobre os fundamentos do candomblé (Souza; Oliveira, 2019, p. 4).

Dessa maneira, é possível descrever a relação da escrita como efeito da contemporaneidade nos terreiros de candomblé, indo além dos fins didáticos. A prática da escrita aliada à oralidade, nesse ambiente, serve também como documentação e um artifício para manutenção das manifestações ancestrais que faz sentido ao se observar a restrição de acesso à educação formal sofrida por essa população. Os registros desse patrimônio oral por meio da escrita se transformam em suporte para perpetuação de tradições, embora ainda se valorize nos terreiros o conhecimento adquirido através da oralidade muito mais do que o conhecimento adquirido por meio de postilas ou livros, como constatado por Souza e Oliveira, (2019, p. 2) e no terreiro em que se desenvolveu essa pesquisa.

Na observação dos fenômenos correntes no terreiro de candomblé Ilê Axé Oxum Ayo Mimo, percebeu-se que a escrita servia principalmente aos iniciantes, como forma de registrar o que fora ensinado por um membro mais velho e experiente. Via-se muitos abiãs⁵ e até mesmo iaios⁶ executando seus registros manuscritos para servir de consulta no preparo do ritual.

Durante esses momentos, destacavam-se os membros que possuíam a capacidade de oralizar seu conhecimento, tanto da execução do ritual, com o manejo dos elementos que o compunham, quanto conhecimento das rezas e cantigas que deviam ser cantadas em momentos específicos.

Dessa forma, a escrita ocupa nesse espaço, uma função inicialmente pedagógica, e com isso torna-se importante meio para perpetuação e registro dos conhecimentos da comunidade, embora, a oralidade ainda ocupe uma importante função, pois é através dela que os membros são avaliados e reconhecidos pelo sacerdote da casa, ou outro membro mais velho que possua um cargo de relevância, como apto para ensinar os membros mais novos, recebendo o status de membro que possui *rumbê*⁷ a se distanciar de ser considerado um membro *cossi*⁸.

No tratamento desse movimento de avaliação, atitude que através de nomenclaturas distingue quem possui ou não mais conhecimento que outro sobre os segredos da religião e do domínio da língua, destaca-se aquele que é capaz de oralizar seu conhecimento perante as autoridades da comunidade, sendo reconhecido como membro que merece respeito.

⁵ Membro novato, ainda não iniciado nos segredos da religião.

⁶ Membro que já passou pelos rituais de iniciação, mas que ainda é considerado novo, pois não completou o ciclo ritualístico.

⁷ Segundo Baba Cleiber ty Oxum, o membro que possui rumbê, é um membro dedicado e que possui conhecimento sobre os ritos do candomblé

⁸ Termo designado ao membro, menos dedicado, que não possui conhecimentos, a maioria das vezes é utilizado de forma ofensiva.

No candomblé, todas as ações têm um significado; uma simbologia que é construída por meio da oralidade que está sendo ressignificada em livros, apostilas, diários, cadernos de iniciação (Castillo, 2010) etc. Com os atos de fala permeados pelo texto escrito, cada membro do candomblé vai tomando seu lugar no grupo religioso (Souza; Oliveira. 2016. p. 3).

No ritual da *Sassain*, o que se observou, foi que os membros mais novos se dedicavam a assimilar as letras das cantigas antes de iniciar ritual, embora alguns ainda estivessem com o material impresso em mãos durante a cerimônia. Ficou evidente que tentavam ali demonstrar o aprendizado adquirido sobre as letras e as ações não verbais que acompanham a ritualística dos cantos.

O engajamento dos participantes em aprenderem e usarem as línguas de herança negro-africanas, através da oralidade e, atualmente, com materiais escritos, demonstra uma valorização das formas linguísticas da variedade de *iorubá* utilizada durante o momento ritualístico em detrimento do português, evidenciando que, como afirmam Lucchessi e Savedra (2023. p. 25-26), “cada grupo social tende, em princípio, a conservar e valorizar suas formas linguísticas características como forma de construção de sua identidade social”. Dessa forma, a instituição religiosa poderia se apresentar como um fator extralinguístico, que permite as formas linguísticas negro-africanas sofrerem menos com a ação de mudança, pois a maneira como esse grupo avalia essas formas para realização de rituais afeta diretamente implementação e conservação dessas línguas.

4. Expressões da língua africana nos cânticos do candomblé a partir do ritual *Sassain*: A relação entre linguagem verbal e a não-verbal no candomblé

Por fazer parte de um ato ritualístico, as cantigas acompanham ações não verbais como macerar as folhas em uma bacia de água, bater a cabeça em forma de saudação ao *orixá Ossain*, bater palmas e, posteriormente, tomar banho do sumo extraído das folhas, pois acredita-se que essa ação é capaz de trazer a purificação espiritual e/ou cura de doenças.

Durante a *Sassain*, as rezas cantadas são acompanhadas pelo toar dos atabaques, tocados apenas por homens que ocupam o cargo de *ogã*. Os demais membros, durante todo o ritual, permanecem sentados em uma esteira de palha, enquanto cantam e maceram as folhas de diferentes ervas dentro de uma bacia com água.

Durante o ritual, é comum os adeptos baterem a cabeça no chão, toda vez que são esbravejadas as palavras *Ewe ajé*, cujo significado é “sangue das folhas”, e *Ewe assa*, que é a saudação ao *orixá Ossain*, orixá detentor dos segredos das folhas.

De acordo com Oliveira (2019, p. 40):

“Não existe candomblé sem toque”. “Música e candomblé se confundem”. “Sem o *ogã* alabê a cerimônia não começa”. Essas são algumas respostas dadas pela mãe-de-santo da casa-de-santo IAS em Rio Branco a perguntas referentes à importância da linguagem musical nos rituais do candomblé.

Manutenção e inter-relação de linguagens: escrita, oralidade e linguagem não-verbal no candomblé de cáceres - Mato Grosso

O toar ritmado dos atabaques, linguagem não-verbal, organiza o ritual, entrelaçando cantigas, rezas e evocações, entre outras linguagens verbais e possibilitando inter-relações de linguagens que irão constituir a essência do candomblé.

Cabe agora, a partir dos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística e da pesquisa de cunho qualitativo, descreveremos a origem e o significado de alguns léxicos presentes nas rezas. Os léxicos que selecionamos e apresentamos no quadro1 fazem parte dos cânticos presentes no ritual de candomblé *Sassain* e seus significados estão em conformidade com o registrado no documento em análise:

Quadro 1: Expressões da língua africana *Iorubá* e seus significados

| Expressões da língua africana <i>iorubá</i> | Significado no documento escrito pelo <i>Babalarixá Cleiber ty Oxum</i> |
|---------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| <i>ewe ajé</i> | Sangue verde ou sangue das folhas |
| <i>Ossain</i> | Orixá responsável pelo segredo das folhas |
| <i>sassain</i> | Ritual de reza as folhas |
| <i>ewe</i> | Folha |
| <i>ewe Assa</i> | Saudação ao orixá <i>Ossain</i> |
| <i>Assa o ewe ajé</i> | Saudação ao banho feito com o sumo das folhas |
| <i>peregum</i> | Folha presente em todo ritual da <i>Sassain</i> |
| <i>abebe</i> | Folha popularmente conhecida como “folha de olho gordo” |

Fonte: Elaboração dos autores, com base nas letras dos cânticos do candomblé descritos pelo dirigente da casa de candomblé.

Os termos *ewe ajé*, *ewe Assa* e *Assa o ewe ajé* são utilizados ao final de cada cantiga como forma de reverenciar o *orixá Ossain* e o sumo das folhas produzido durante o processo amassar as folhas dentro das bacias de água, como, por exemplo no trecho retirado do material escrito que compõe o *corpus* dessa pesquisa:

Bombo yoro *ajé* cossa wô, bombo yoro *ajé* cossa wô.

Resp.: Bombo yoro *ajé* cossa wô, bombo yoro *ajé* cossa wô.

Assa oooo ewe ajé Assa oooo ewe ajé.

De acordo com *Baba Cleiber ty Oxum* a palavra *ajé* para a comunidade, tem significado equivalente à “sangue” no português; *Ewe ajé*, portanto, é equivalente à “sangue verde” ou sangue das folhas, que é o resultado do processo de amassar as folhas, dando a tonalidade esverdeada à água da bacia.

Ainda nas cantigas, há presença dos nomes das folhas, como no caso do “peregum”, popularmente conhecido como “dracena” ou “pau-d’água”, e “abebe”, conhecido popularmente como “folha de olho gordo” e que no ritual da *Sassain* é oferecido a *yabá Oxum*.

Ogum

Peregum ala ó titum ôo, *peregum* ala ó titum, baba tum adum ala óh merém, *peregum* ala ó titum.

Resp.: *Peregum* ala ó titum ôo, *Peregum* ala ó titum *Baba* tum adum ala óh merém, *peregum* ala ó titum.

Oxum

Abebe amu *abebe* omimbó.

Resp.: Ewe *abebe*, *abebe* amu *abebe* omimbó, ewe *abebe*.

As cantigas da *sassain* são curtas e apresentam uma repetição, que é a resposta da primeira frase. Os usos de itens do léxico de herança negro-africanas marcam a identidade africanizada presente no espaço do candomblé. O fato de essas formas ganharem valor em momento ritualístico é uma atitude marcada pela crença de que, mesmo em um país que possui o português como língua oficial, se faz necessário o manejo do *iorubá* como parte fundamental para realização do culto, não podendo ser cantada em outra língua. Para essa comunidade, em termos religiosos, apenas essa língua possui o poder esotérico de encantar as folhas, pois é só assim pode ser ouvida e entendida pelos *orixás*.

Os aprendizados dos cânticos para as realizações dos atos ritualísticos são feitos, no dia a dia nos terreiros de candomblé, também com auxílio dos materiais escritos com as rezas e cantigas, facilitando o processo de aprendizagem. Na observação realizada no terreiro, constatamos que, um membro mais velho fica responsável em acompanhar o desenvolvimento dos mais novos na leitura das apostilas, corrigindo a pronúncia das palavras e o ritmo das cantigas. Os membros mais novos, dependendo da cerimônia, podem inclusive seguir as cantigas acompanhados de seus materiais impressos. Para essa pesquisa, além de fornecer material escrito, *Babalorixá Cleiber ty Oxum*, realizou um curso sobre a realização da *Sassain* para os membros da comunidade, tratando desde seus significados até a pronúncia das palavras presentes na apostila e suas atitudes não verbais.

Caputo (2015, p. 777), em seu estudo sobre aprender *iorubá*, argumenta que:

Há maneiras distintas de lidar com essa e outras línguas nos terreiros e entre seus membros. Alguns compreendem mais e outros menos o significado daquilo que cantam ou falam, e acham isso muito importante. Outros não acham necessário entender completamente a tradução das cantigas e acreditam na importância do ritual, mesmo sem a compreensão de todo seu conteúdo. Não se trata aqui de julgar, de modo algum, o que cada terreiro pratica nessa relação.

Nesse sentido, do ponto de vista linguístico, a língua ritual torna-se relevante dentro do território brasileiro, exclusivamente, nas casas de candomblé. Assim, essa atitude de ensinar e aprender os cânticos de herança da língua *iorubá*, por meio de material impresso, representaria um gesto de resistência para incentivar seus iniciantes a utilizarem a língua do ritual e não outra, mesmo sem o conhecimento completo sobre o significado das cantigas, pois o que importa ali é o fato de realizar

o ritual, ou seja, o uso da língua ritual se configura mais como um fator de desempenho do que uma competência linguística (Castro, 1981, p. 58).

Ainda segundo Caputo, mesmo vivendo em uma sociedade de língua portuguesa, o candomblecista precisa manejar a língua de sua religião para estabelecer o diálogo entre homens e divindades. A língua exprime o poder e somente através dela se é capaz de fazer emergir a energia espiritual necessária para que se evoque os *orixás*.

5. Reafricanização por meio dos cânticos

Após a apresentação dos dados selecionados, em termos linguísticos, iremos contextualizá-los a partir da perspectiva da Sociolinguística, isso porque nosso questionamento parte da percepção das afirmações de Oliveira (2019), segundo o qual, no plano linguístico, a reafricanização expressou-se pela valorização praticamente quase exclusiva da “língua iorubá” ou do que os falantes compreendem por *iorubá*, conforme verificamos ao observar a execução do ritual de reza as folhas no terreiro de candomblé da cidade de Cáceres no estado de Mato Grosso. Entendemos, assim, que esse movimento revela, de fato, o interesse em uma maior autenticidade, em uma valorização mesmo em que território brasileiro, de tudo o que concerne à “africanidade” dos cultos no candomblé.

A variação linguística observada no terreiro de candomblé ganha valor à medida que a estrutura social do terreiro tende a conservar as formas das línguas negro-africanas apoiando-se na instituição religiosa, primeiramente por meio da oralidade e, em paralelo, com o uso da escrita.

Nesse sentido, a reflexão que se traz é que a cultura religiosa de um povo, tende a resistir as situações de extremo contato e violência cultural, mais que outros fatores de sua identidade cultural. As práticas religiosas participam de um campo que “parece ser aquele aspecto da cultura de um povo para o qual esse povo se inclina com a maior tenacidade, porque, psicologicamente, ele representa seus valores de vida mais significativamente importantes” (Castro, 1981. p. 58), demonstrando que as línguas que foram transplantadas da África para o Brasil, que deixaram de ser faladas plenamente em nosso território nacional, mas que sem sombra de dúvidas contribuíram para formação do português falado no Brasil, ficaram resguardadas nos usos especiais que se fazem delas na realização de cultos em religiões afro-brasileiras, em especial o candomblé.

Isso não exclui o fato que a língua do ritual tenha sofrido mudanças, uma vez que toda língua evolui, principalmente em situações de extremo contato. O que se destaca nesse estudo é que, principalmente, o valor semântico das rezas foi esvaziado no decorrer dos séculos desde o início da diáspora africana no Brasil, permanecendo os sentidos ligados à composição não-verbal do culto, como os nomes das folhas, o sumo extraído durante o processo de amassá-las na bacia de água, os instrumentos musicais, mas também os nomes dos orixás envolvidos, assim como suas saudações.

Dessa forma, as atitudes não verbais que compõe a ritualística, como a musicalidade, as vestimentas os utensílios, que se estabelecem como marcadores da identidade, preservam-se elementos linguísticos e extralinguísticos como essenciais para realização do culto, não podendo ser desenvolvido de outra forma. É no tocante à identidade afro-brasileira do candomblé que o candomblecista faz sua

conexão com divino, destacando-se a língua utilizada no ritual como parte essencial de um grande sistema que corrobora para a criação de uma África simbólica em território brasileiro (Evaristo, 2012 p. 36). Simbólica no sentido de que os negros que chegaram ao Brasil, com o tráfico de escravizados, tiveram que se adaptar às condições sub-humanas impostas pelos senhores da terra, sofrendo todo tipo de preconceito e de supressão cultural. Como forma de resistência, para a manutenção da memória de África, criaram grupos contra-hegemônicos que se apoiavam principalmente na religião, em quilombos e terreiros que repassam esses conhecimentos até os dias atuais.

Considerações finais

O candomblé de nação *queto*, apoiado principalmente nos registros da língua *iorubá*, em sua relação com o português, além de na linguagem não verbal, cumpre o papel fundamental para a conservação de uma variedade de formas linguísticas africanas, tornando-se um amplo espaço para os estudos linguísticos e na área dos estudos sociais. Na linguística, em especial, por apresentar características únicas enquanto comunidade de fala, apresentando aspectos ancestrais da cultura afro-brasileira, que mantém por meio de uma reafricanização, ressignificados nas atitudes, paramentas e principalmente, na língua, parte fundamental para a realização dos atos ritualísticos.

Esse complexo de uso linguístico e extralinguístico é que faz do candomblé um dos pilares fundamentais da resistência da cultura afro-brasileira, sendo a língua dos rituais um dos pontos focais que fundamentam e identificam o espaço do Candomblé. É através da língua ritual que se estabelece, através de mútuos processos de contato, principalmente com o português, a herança incontestável da africanidade da comunidade candomblecista. A língua dos cultos é para a comunidade, a principal conexão com o divino, sendo através dela e não de outra língua que seus ancestrais africanos divinizados, os *orixás*, são capazes de ouvi-los e de atendê-los.

Portanto, ressaltamos a importância do desenvolvimento de pesquisas que visem contribuir para a diversidade linguística do Brasil, assim como estudos sobre fenômenos de manutenção e mudança de línguas, como demonstrado nesse artigo, em que se buscou revelar a importância da instituição religiosa como fator que articula fenômenos de dispersão e preservação de línguas.

Referências

CALVET, Louis J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo – Parábolas, 2002.

CAPUTO, Stela Guedes. Aprendendo yorubá nas redes educativas dos terreiros: história, culturas africanas e enfrentamento da intolerância nas escolas. *Revista Brasileira de Educação*, [S.L.], São Paulo, v. 20, n. 62, pp. 773-796, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C6ZT46YkW56G7vwP3HzGF4n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021. DOI: 10.1590/s1413-24782015206211.

CASTRO, Y. P. de. Língua e nação de candomblé. *Revista África*, [S. l.], n. 4, pp. 57-76, 1981. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/afrika/article/view/90848>. Acesso em: 2 maio. 2023. DOI: 10.11606/issn.2526303X.v0i4p5776.

Manutenção e inter-relação de linguagens: escrita, oralidade e linguagem não-verbal no candomblé de cáceres - Mato Grosso

CASTRO, Y. P de. O português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES C. GARMES H. RIBEIRO F. R (org.). *África-Brasil caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp. 2009. pp. 175-184.

DE SOUZA, S. L.; DE OLIVEIRA, O. L. A escrita permite o acesso ao segredo?: Uma reflexão sobre a inter-relação entre oralidade e escrita em terreiros de candomblé. *Tropos: comunicação, sociedade e cultura* (ISSN: 2358-212X), [S. l.], v. 6, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1048>. Acesso em: 26 dez. 2023.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. O útero pulsante no candomblé: a construção da “afroreligiosidade” brasileira. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n.1, pp. 35-55, jan-jun/2012.

GALVES C. GARMES H. RIBEIRO F. R. *África-Brasil caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Unicamp. 2009.

LABOV, W. (1972). O estudo da língua em seu contexto social. In: *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. pp. 215-300.

LADEIRA, W. T. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional. *Revista de Ciências Humanas*, [S. l.], v. 1, n. 7, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3557>. Acesso em: 5 jan. 2024.

LUCCHESI, D; SAVEDRA, M. M. G. Mudança entre línguas e contato linguístico. In: WINDLE. J. A.; SAVEDRA. M. M. A. *História, política e contato linguístico*. Niterói: Eduff, 2023. pp. 14-51.

MELLO, Heliana Ribeiro de; BAXTER, Alan; HOLM, John; MEGENNEY, W. Português Vernáculo do Brasil. In: PERL, Matthias; SCHWEGLER, Armin Schwegler. (org.). *America negra: panoramica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. 1. ed. Frankfurt: Vervuert, v. 1, pp. 71-137, 1998.

NETO, Antônio Gomes da Costa. A Linguagem no Candomblé: um estudo lingüístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras. *Fundação cultural palmares*. Distrito Federal. p. 20. 2010.

OLIVEIRA, Océlio Lima de. *O léxico da língua de santo: a língua do povo de santo em terreiros de candomblé de rio branco, Acre*. Rio Branco-Ac: Universidade Federal do Acre (Edufac), 2019, p. 142. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/imagens/capas-de livros/o-lexico-da-lingua-de-santo-a-lingua-do-povo-de-santo-em-terreiros-de-candomble-de-rio-branco-acre.jpg/view>. Acesso em: 15 out. 2021.

PÓVOAS, R. C. *A linguagem do candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.